



# UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de História

Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

Campus Universitário - Trindade CEP: 88040-900 - Florianópolis - SC

Telefones: (048) 3721-4879 – 3721-2600

licenciaturaindigena@cfh.ufsc.br

---

Florianópolis, 12 de fevereiro de 2021

## **Nota de repúdio à homenagem feita a Natale Coral, assassino de indígenas (que “trazia a orelha dos índios na salmoura, só pro riso”)**

A equipe de coordenação do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da UFSC recebeu com indignação a notícia que na noite de 28 de dezembro de 2020, Nova Veneza, cidade sul catarinense, inaugurou uma praça em homenagem a seu fundador, Natale Coral.

Nascido na Itália em 1859 e falecido no Brasil em 1911, Natale Coral é figura reconhecida em Nova Veneza, por sua fundamental contribuição à formação da colônia. De acordo com o Portal Veneza ([portalveneza.com.br](http://portalveneza.com.br)) a obra será completada com um memorial, duas rosas dos ventos e “Na parte superior, na posição vertical uma baliza topográfica em forma de flecha, representará o povo indígena que vivia nestas terras.”

Em um momento histórico no qual pelo mundo todo vemos a remoção e o questionamento acerca de monumentos em homenagem a ditos “heróis”, responsáveis por atos genocidas do passado, ao receber a notícia desta homenagem nos perguntamos: Por que? Para que? A homenagem a Natale Coral em praça pública nos parece um negacionismo histórico dos crimes cometidos pelo fundador, e nos provoca novamente o questionamento sobre o lugar dos ditos “heróis” na nossa sociedade atual. A referência genérica a um povo indígena colocado no passado é mais um indício da continuidade da disseminação de

visões racistas. A flecha equivale a uma enevoada lembrança do passado da região? Indígenas? Qual povo indígena?

Trata-se daqueles que os imigrantes e seus descendentes denominaram pejorativamente como bugres. Trata-se, em realidade, dos Laklãnõ-Xokleng, povo caçador, pescador, coletor, que à época vivia em grupos num imenso território de ocupação abrangendo desde o Rio Grande do Sul ao Paraná. Sim, eram ocupantes que antecederam os imigrantes desbravadores do sul catarinense e que atualmente vivem no Alto Vale do Itajaí e norte do Estado, nas Terras Indígenas Laklãnõ e Rio dos Pardos. São um povo com história de longa duração. E que associação há entre Natale Coral e indígenas que o município quer que sejam lembrados na praça em sua homenagem?

Relatos e registros enunciam que o homenageado era um dos “bugreiros”, caçadores de índios, figuras que protagonizaram horror e morte nos acampamentos Xokleng, entre fins do século XIX e início do século XX. Essa conduta bárbara não condiz com civilidade, com humanismo. Não condiz com homenagem póstuma. Praças, estátuas, bustos são formas de solidificar símbolos e assim dar continuidade a memórias, fortalecendo visões e narrativas históricas. Os fatos históricos não mudam, mas nós podemos mudar quem escolhemos como heróis para o nosso presente e para o nosso futuro.

Escreveu o professor historiador e antropólogo Silvio Coelho dos Santos, da UFSC, referência na Etnologia Indígena brasileira, sobretudo a partir de suas pesquisas junto aos Xokleng a partir da década de 1960, falecido em 2008: “No sul do Estado, Natal Coral, Maneco Ângelo e um tal Veríssimo, entre outros, tornaram-se famosos como líderes das ‘batidas’ e pela violência com que assaltavam os acampamentos dos índios” (SANTOS, 2007, p. 75). Relatou Ireno Pinheiro, famigerado “bugreiro” que atuou em outras regiões de SC, como Santa Rosa de Lima: “Besteira foi o que fez o Natal Coral. Quando voltava de uma batida, trazia a orelha dos índios na salmoura, só pro riso. Mas depois os colonos só queriam pagar com a prova das orelhas, e ele se aborreceu, parou até que os índios já estavam ficando cada vez mais raros” (SANTOS, 2007, p. 118).

Do livro do Padre João Leonir Dall’Alba, intitulado *Histórias do Grande Araranguá*, advêm informações de moradores de Nova Veneza por ele entrevistados nas décadas de 1970 e 1980. Seguem memórias de dois deles – José Gava e Marino Gava. Segundo José Gava, 85 anos, entrevistado em 1978: “Dizem que o local onde encontraram os bugres foi lá perto de Palermo. Trouxeram um saquinho de orelhas. Talvez é demais, mas... Também naquela vez trouxeram dois filhotes.

Prático caçador e chefe de turma era o Natal Coral. Esse foi flechado nas costas, mas a flecha só atingiu o saco de roupa que ia carregando, uma mala do tempo antigo.” (DALL’ALBA, 1997, p.383). De acordo com Marino Gava, 73 anos, entrevistado em agosto de 1986: “De caçador de índios só sei do Coral. Só numa vez teria matado cem índios, trazendo duzentas orelhas para o diretor da Empresa de Nova Veneza. Como tinham combinado 2 mil réis por orelha a Empresa Nova Veneza deveria dar-lhe a fortuna de 400 mil réis. Para não pagar foi ameaçando: ‘Fiquem quietos. Isto é proibido. Se o governo souber vocês vão todos para a cadeia.’” (DALL’ALBA, 1997, p. 389).

Há ainda outros nomes de bugreiros, como Zé Domingo e Martinho Marcelino de Jesus (conhecido como Martin Bugreiro), este último lembrado e temido no Vale do Itajaí. Seus próprios relatos são aterrorizantes, inconcebíveis, inadmissíveis, a expressar verdadeiro genocídio.

Temos, portanto, uma nova praça em Nova Veneza que comemora um “bugreiro”. São estes símbolos, estas memórias que os cidadãos e turistas que chegam em Nova Veneza querem carregar para o seu futuro? Visões de genocídio, visões racistas? Temos um povo indígena que tenazmente sobrevive, lembrando o que os antepassados relataram sobre os bugreiros. E temos, a rigor, um novo tempo a solicitar reconhecimento da história e atijamento da memória. A requerer indignação, revolta e austeridade frente aos fatos, à atrocidade. Qual patrimônio histórico queremos referenciar para o nosso futuro?

É tudo e nada. Tudo a aprender e se posicionar. Nada a se omitir e negligenciar.

Equipe de coordenação do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica da Universidade Federal de Santa Catarina.

<https://licenciaturaindigena.ufsc.br>

Fevereiro de 2021.

### **Referências bibliográficas**

DALL’ALBA, João Leonir. *Histórias do Grande Araranguá*. Araranguá (SC): Gráfica Orion Editora, 1997.

SANTOS, S. C. dos. *Ensaio oportuno*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2007.

### **Manifestações de apoio à nota de Repúdio**

Departamento de História/UFSC  
Departamento de Antropologia/UFSC  
PPGAS/UFSC  
Instituto Memória e Direitos Humanos/UFSC  
Curso História/UNESC